



FÁBULAS DE ESOPPO

Ruth Rocha

Ilustrações Jean-Claude Alphen



PROJETO DE LEITURA

Elaboração

Francine Jallaegas

Coordenação

Maria José Nóbrega





UM POUCO SOBRE A AUTORA

Ruth Rocha nasceu em São Paulo, capital, onde sempre viveu. É graduada em Sociologia e Política pela Universidade de São Paulo, e pós-graduada em Orientação Educacional, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Antes de ter revelado seu incomparável talento como escritora de livros infantis, nesses quase 50 anos de literatura, foi orientadora educacional e editora.

É uma das mais premiadas autoras da literatura infantil brasileira. Tem hoje mais de cem livros publicados no Brasil e vinte no exterior, em dezenove diferentes idiomas.

Desde 2009, Ruth é autora exclusiva da Salamandra.

RESENHA

Uma raposa faminta deseja as lindas uvas que pendem do alto de uma parreira. Depois de muito saltar, sem conseguir alcançá-las, a raposa se afasta e conclui: as uvas estão ainda verdes e azedas, não as queria mesmo.

Assim pode ser recontada “A raposa e as uvas”, uma das narrativas mais conhecidas e lembradas quando o assunto é a fábula – gênero textual que se constitui de duas partes: uma breve narrativa alegórica ou ilustrativa, seguida do ensinamento moral que dela se pode extrair.

Quase uma anedota cujo assunto não é mais do que um pequeno e irrisório incidente, a fábula, muitas vezes, extrai da simplicidade e da concisão a sua contundência; do riso constrangido que provoca, a atenção crítica que desperta.

Qual é a moral que se pode deduzir de “A raposa e as uvas”? Isso depende da fonte consultada pelo leitor e de sua própria reflexão.

Gênero textual nascido da cultura oral, a fábula evoca sempre o problema da multiplicidade de versões.

Segundo a versão atribuída a Esopo (século VI a.C.), considerado o fundador do gênero que, no entanto, não registrou

de próprio punho nenhuma das fábulas das quais seria autor, “A raposa e as uvas” sugere a seguinte moral: aquele que culpa as circunstâncias fracassa e não vê que o incapaz é ele mesmo.

O fabulista romano Caio Júlio Fedro (século I d.C.) conferiu à mesma fábula uma moral com sentido semelhante ao elaborado por Esopo, porém, registrou-a em tom de conselho.

Jean de La Fontaine (1621–1695), escritor francês que se tornou um dos grandes difusores das fábulas de Esopo, quando registrou “A raposa e as uvas”, complementou a moral com uma queixa conformada que pode ser enunciada com a breve pergunta: Que fazer a não ser resmungar?

Na versão de Monteiro Lobato (1882–1948), uma das mais conhecidas no Brasil, a história da raposa e das uvas ilustra perfeitamente o seguinte dito popular: quem desdenha quer comprar.

Já o humorista, desenhista e escritor Millôr Fernandes (1923–2012) recontou a célebre fábula de Esopo enfatizando no comentário moral a ideia de que a frustração pode ser uma forma tão boa de julgamento quanto qualquer outra.

Em *Fábulas de Esopo*, Ruth Rocha reconta vinte histórias atribuídas ao escravo grego, optando por suprimir o comentário de fundo moral. Desse modo, nas fábulas incluídas nessa

antologia, é o leitor que vai construir, a partir de suas próprias reflexões e interpretações, o ensinamento moral que a narrativa suscita. Estratégia instigante que incita o leitor a ser também um ativo criador.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: fábula.

Palavras-chave: comportamento humano, ensinamento moral, crítica social.

Área envolvida: Língua Portuguesa.

Tema transversal: Pluralidade Cultural.

Público-alvo: leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental).

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Chame a atenção dos alunos para as ilustrações da capa e do interior do livro. Observe a diversidade de animais que povoam as páginas e a recorrência de alguns deles, tais como: a raposa, a rã, o leão, o lobo, o rato, o burro, a cegonha, o cão – será que a turma conhece histórias protagonizadas por alguns desses animais? Em caso afirmativo, serão essas histórias também fábulas? Este é um bom momento para consultar a turma: quais fábulas conhecem? A partir das respostas dos alunos, converse sobre as características do gênero textual do livro que vão ler.
2. Leia com os alunos o que diz a autora nas páginas finais do livro. Nesse texto, Ruth Rocha nos revela que teve um avô que conhecia e lhe contava muitas histórias. Pergunte aos alunos se têm um avô ou algum familiar próximo que também goste de contar histórias. Quais histórias conheceram dessa forma? Será que algumas delas seriam fábulas? Esse é um bom momento para lembrar que uma das formas mais recorrentes das fábulas chegarem até nós, além dos livros e dos filmes que as recontam, é através de uma conversa informal com pessoas próximas, uma vez que, em um diálogo, lançar mão de uma fábula pode ser bastante eficaz para reforçar uma ideia, ilustrar um conselho e enfatizar uma observação a respeito dos comportamentos humanos e das circunstâncias corriqueiras da vida.

3. Leia junto com a turma o sumário do livro. Chame a atenção dos alunos para o fato de que não é preciso fazer a leitura do livro obedecendo à sequência que o sumário apresenta. Estimule a turma a encontrar outros critérios para ordenar a leitura; os alunos podem, por exemplo, começar pelos títulos que lhes chamam mais atenção ou pelas ilustrações que lhes despertam maior interesse.

Durante a leitura

1. Incentive a turma a identificar e descrever as relações que podem ser encontradas entre as narrativas e suas respectivas ilustrações. Tal como a relação que pode ser identificada e descrita entre a fábula “O leão, a vaca, a cabra e a ovelha” e a ilustração localizada na página 19. No texto, nota-se que o leão é autoritário e egoísta, ele não tem uma atitude generosa e verdadeiramente nobre com os outros animais, não sendo, portanto, um rei digno de sua coroa. Na ilustração, nota-se que o leão é grande, vistoso e possui uma enorme juba. Os outros animais o observam intimidados de baixo para cima. Entretanto, a coroa do leão, símbolo de sua nobreza, é bem pequenina e parece bastante frágil. De formas diferentes, texto e ilustração chamam atenção para os mesmos aspectos a respeito do leão.
2. Proponha aos alunos que anotem em um caderno, à medida que avançam na leitura, as características dos animais que as narrativas permitem conhecer. Sugira que tentem perceber se os animais que aparecem em mais de uma fábula conservam suas características. A seguir, os alunos também poderão tentar estabelecer comparações entre os personagens que protagonizam as fábulas de Esopo e personagens em geral (animais ou humanos, reais ou fictícios) que lhes são familiares.
3. Estimule a turma a perceber quais são os ensinamentos morais que podem extrair das fábulas e peça que os anotem num caderno.

Depois da leitura

1. Nas fábulas de Esopo, os animais não se comportam conforme se apresentam na natureza, mas assumem

características próprias aos comportamentos humanos. Entretanto, nas narrativas, o porte físico dos animais, o comportamento que apresentam na natureza, o conhecimento que temos deles e, em alguns casos, os mitos que nossa cultura produziu em torno deles acabam aproximando-os das características e dos comportamentos humanos que assumem. Estimule os alunos a notarem esses aspectos nas narrativas, observando as atitudes dos animais uns com os outros. A seguir, proponha aos alunos que descrevam as associações que as fábulas sugerem entre as características da vida animal e as da vida humana. Por exemplo, na história “A cigarra e a formiga” (página 32), a formiga está associada ao trabalho e a cigarra ao canto, ao descanso e aos prazeres da vida. De fato, basta observar por alguns minutos o comportamento das formigas para notar que elas parecem sempre muito ocupadas e determinadas a cumprir um objetivo. As formigas aparentam estar sempre “trabalhando” porque são constantemente vistas enfileiradas, carregando migalhas de alimentos, restos de insetos mortos, folhas e outros resíduos para o formigueiro. Para além das aparências, as comunidades de formigas, como é sabido, organizam-se hierarquicamente, possuem uma rainha e, conforme o grupo ao qual pertencem, desempenham diferentes tarefas dentro das colônias: escavam e limpam o formigueiro, procuram alimentos, defendem o formigueiro de potenciais inimigos e ameaças etc. As cigarras, por outro lado, são aqueles insetos que não vemos em filas, se deslocando para lá e para cá, mas os ouvimos cantar. Nos dias de hoje, isso ocorre precisamente quando nos deslocamos das zonas urbanas e nos dirigimos para uma região arborizada e calma, eventualmente, a fim de descansar. Nesse caso, portanto, a forma como esses insetos se apresentam na natureza e vivem em nossos imaginários se relaciona com as características e os valores a eles associados nessa fábula.

2. Pergunte aos alunos se notaram que a manipulação ardilosa da linguagem está entre as variadas estratégias que os animais das fábulas de Esopo utilizam para levar vantagem perante os demais. Incite-os a refletir

sobre esse ponto, relendo, junto com a turma, algumas das fábulas em que os animais se valem de artifícios retóricos para construir, maliciosamente, enunciados ambíguos, irônicos ou mentirosos, tais como: “O galo e a raposa” (página 7); “O rei dos macacos e os dois homens” (página 40), “A raposa e o corvo” (página 44).

3. Divida os alunos em grupos e peça que reflitam e conversem entre si sobre os ensinamentos morais que podem ser extraídos de cada fábula. A turma poderá consultar as anotações feitas durante a leitura. A seguir, proponha que exponham suas conclusões e, escrevendo no quadro, estimule a turma a produzir coletivamente uma única lista em que estejam elencados pelo menos um ensinamento moral para cada fábula. Desse modo, eles podem se inspirar nos ensinamentos morais que listaram para construir novas fábulas.
4. Sugira aos alunos que pesquisem na internet ou na biblioteca da escola outras edições das fábulas de Esopo que contenham ensinamentos morais. Depois, peça à turma que compare a lista de lições morais que produziram coletivamente na atividade anterior com as que encontraram.
5. Proponha aos alunos que recontem as fábulas de Esopo, substituindo animais por pessoas. A seguir, sugira à turma utilizar uma das histórias que criaram como roteiro para uma encenação. Quando se apresentarem aos demais, os alunos poderão se valer de recursos cênicos, tais como: tecidos, bonecos, máscaras, luzes, objetos.
6. *Fábulas de Esopo*, de Ruth Rocha, apresenta ao leitor vinte histórias, mas, o texto final do livro, intitulado Esopo (página 47), conta que há mais de 400 fábulas atribuídas a Esopo e recontadas por diversos escritores. Peça aos alunos que realizem uma pesquisa, na internet ou na biblioteca da escola, procurando conhecer algumas dessas fábulas e que elejam uma delas para recontar à turma.
7. Apresente à turma dez fábulas africanas, que podem ser lidas ou ouvidas, transmitindo-lhes o endereço para consulta online do programa: Queres que te conte mais? Fábulas africanas para uma cultura de paz, Learning by Ear – Aprender de Ouvido, <http://www.dw.com/pt/quieres-que-te-conte-mais-f%C3%A1bulas-africa>

nas-para-uma-cultura-de-paz/a-6117269. Chame a atenção da turma para as diferenças entre as fábulas africanas e as contadas por Esopo. Por exemplo: nas africanas, os personagens terminam sempre encontrando uma atitude positiva e conciliatória, enquanto nas fábulas de Esopo, os personagens, na maior parte dos casos, não chegam a um bom termo.

DICAS DE LEITURA

da mesma autora

A galinha dos ovos de ouro e outras histórias – São Paulo: Salamandra.

O velho, o menino e o burro e outras histórias caipiras – São Paulo: Salamandra.

Histórias das mil e uma noites – São Paulo: Salamandra.

Mulheres de coragem – São Paulo: Salamandra.

do mesmo gênero ou assunto

Fábulas selecionadas de La Fontaine, de Jean de La Fontaine, tradução de Leonardo Froes – São Paulo: Cosac Naify.

Esopo – Fábulas completas, de Esopo, tradução de Neide Smolka – São Paulo: Moderna.

Fábulas, de Monteiro Lobato – São Paulo: Globo.

Fábulas palpitadas, de Pedro Bandeira – São Paulo: Moderna.